

Escritos genealógicos

Da minha mãe não sei nome nem o sobrenome. Nunca soube. Na sua identidade, ela carrega um nome que não é seu. Uma mãe que não é sua. No pai, um espaço em branco. “Em branco” de branquitude, da ação do branco. Sua mãe nunca vi, nem ouvi falar. Só li a sua existência na identidade.

Minha mãe era uma mulher que parecia sair do livro de história. Igual “as índias” retratadas no capítulo do descobrimento, que depois nunca mais aparecem nele... Minha mãe foi pega, não no laço. Foi pega por essa mulher branca de nome composto e sobrenome, que nunca casou e nunca teve filhos, que já estava cansada dos trabalhos domésticos de sua própria casa, cansada de limpar sua própria sujeira.

Minha mãe, indígena de São Paulo, sem certidão de nascimento foi então registrada. Porém, a história que ela carrega não é dela e nunca se deu conta. Enlouqueceu antes disso. Literalmente. As violências que carregou no bolso transbordaram tanto que não rasgou. Seu corpo não é mais o mesmo. De suas histórias não se lembra mais, nem das boas, nem das ruins. E aquela que poderia reconstruir-lhe doí tanto pelas ausências que viveu, que foi incapaz de remendar. A dor que sentia adormeceu seus viveres.

Bem, de minha mãe só sei que ela é de uma família indígena, da região de São José dos Campos, e que foi adotada para “ajudar” nos afazeres domésticos de sua “nova mãe”. Mãe essa que lhe deu nome, registro, deixou ir à escola só para aprender, e que só estudou até “a terceira série primária”. Era assim que me falava quando falava. Também dizia que tinha muitos irmãos quando “morava com sua família na aldeia lá em São Paulo, pertinho de São José dos Campos”. E “que seu pai queria uma vida melhor para ela”.

Com essa mãe viveu até os catorze anos. Foram tempos de violências físicas, sexuais e psicológicas. Quando pôde, entrou em um caminhão e viajou para outros lugares. Soube que passou por Salvador por um tempo. E viveu no Rio de Janeiro por quase toda a vida. Lá, encontrou o meu pai com quem flertou no mundo do amor livre que a década de 70 experienciava. No Aterro do Flamengo, minha mãe fazia arte para reelaborar o seu viver. Fez teatro. Era uma mulher linda! Era... era... era... era... era... era muitas coisas. (...) Ouço de amigos da época que foi a mulher mais bela do Aterro do



Flamengo, ponto de encontros e desencontros em plena época da ditadura militar. Minha mãe fez teatro, artesanato, viveu amizades, viveu amores, viveu uma vida livre. Mas não se libertou da sua própria história. Da história que escreveram para ela. Narrativa anulada, aniquilada. Nesse tempo que namorou meu pai, a ditadura apertou. O Aterro do Flamengo esvaziou-se. Des-namorou do meu pai. Viajaram, cada um para o seu canto. Encontrou um outro jovem, namorou e engravidou do meu irmão. A ditadura adormeceu. Hoje acho que só adormeceu porque o terror de acontecer novamente nos ronda. A ditadura não morreu.

Meu pai voltou para o Aterro do Flamengo, reencontrou minha mãe, quis re-namorá-la e, ainda que estivesse grávida de outro homem, eles quiseram mesmo assim. E assim foi: na irresponsabilidade de não ter outras pessoas envolvidas, na responsabilidade com seus quereres, minha mãe aceitou, ele já havia aceitado, apaixonados estavam... Então se casaram, nasceu o filho, nasceu a filha, nasceu outra filha. Éramos três, hoje somos seis.

Da mesma forma que se casaram, descasaram-se, casaram novamente e descasaram de novo. Enquanto casados, foram felizes? Não sei dizer, mas acho que sim. Com a mesma intensidade que foram infelizes. Por isso as lembranças da época de casados são pouco contadas, quase nunca são ouvidas pelos filhos e filhas. Mas foi. Foi história, foi vida, foi alegria, foi tristeza, foi construção de novas histórias. Histórias de novas vidas que se originaram desse encontro.

Quando nos tornamos três, minha mãe se foi. Ainda em puerpério da pequena terceira, se separou, e das outras duas crianças também. Sua história lhe doeu? Viu ela se repetir e temeu? Ninguém sabe o que lhe afetou. Ela silenciou para sempre, como se tivesse morrido em vida. Morte em vida que as dores da sua história deram. Sua história que é nossa, que é tua, que é da humanidade... Sua história que se repete em muitas mulheres de cor. Assim, desencontrou de si por temor e também desencontrou de suas crias. Foi-se. Foi-se? E nunca mais voltou? Voltou... E quem disse que a gente queria? Quem disse que a gente queria, quem disse que a gente queria...

Minha mãe transferiu todas as suas dores para nós, filhos e filhas, muito cedo. Antes ainda que a gente se percebesse gente. Suas dores tornaram-se nossas, e talvez ainda sejam. Mais de uns, menos de outros, mas existem e às vezes resistem, e, por vezes, gritam.

Entendo, pergunto-me: será que meu corpo aguenta essa história? Não! Meu corpo não aguenta mais essa história, pois vivi parte dela e vivi as minhas histórias também. Talvez minha filha, que vive



em um espaço de afeto, consiga. Porque desde que ela nasceu, eu lhe conto: “esses seus olhinhos são de neta de indígena, sua avó materna e sua avó paterna são indígenas de São Paulo – uma de perto de Pedro de Toledo e outra de perto de São José dos Campos”.

Assim, parte dessa história, em fragmentos de uma expectadora vivente dela, escrevo. No sentido de resgatar a minha história. E como não conhecia, nem eu nem ela, a potência da escrita nunca havia escrivinhado, porque não sabia que a escrita alinhava à alma.

As narrativas que nos atravessam....

Ananda da Luz Ferreira

